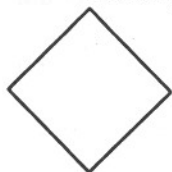


Bloqueios à criatividade



Albertina Alves

"Se dispuséssemos da fantasia como dispomos da lógica, descobriríamos a arte de inventar".

Se concebemos a criatividade como uma característica inerente ao ser humano, como explicar o facto das pessoas altamente criativas constituírem uma minoria?

Sem dúvida que a resposta a esta pergunta tem a ver com as maneiras subtis mas efectivas como congelamos e adormecemos esta potencialidade. Isto deve-se em grande parte, à acção dos nossos próprios bloqueios. Existem listas intermináveis de bloqueios, mas aqueles cujo efeito é mais visível nas pessoas e nas organizações são: o desrespeito pela diversidade; o despreço pelo subjectivo e pelo intuitivo; o medo da imaginação, da utopia e da mudança; o facilitismo: sinónimo de "felicidade"; as relações baseadas em normas preestabelecidas; a hiper-actividade, o excesso de trabalho e a ausência de espaços de sentido; deficiente auto-estima e o medo do risco.

Senão vejamos! Fomos educados para respeitar a ordem estabelecida: "não toques", "não quebres", "não desarrumes"... mas nesta época turbulenta, se nos ficamos só pela ordem, seremos arrasados sem possibilidade de resposta ou defesa. Devemos aprender a fluir com o tempo, a assumir riscos e a romper esquemas, estes aspectos são fundamentais para sobreviver no nosso tempo. Sem dúvida que o medo da mobilidade, da incerteza e do caos paralisa-nos. No entanto, torna-se necessário trazer para a consciência, a insuficiência do velho guião baseado na expectativa da ordem e do controlo, numa época em que predomina a mudança.

Neste contexto, é imprescindível uma grande capacidade para assumir riscos. Sem dúvida que as pessoas e organizações que se arrisquem a ser pioneiras, a propor e a configurar novos mercados, a antecipar as necessidades de mudança de cada época, são as que marcam pontos em matéria de inovação e

desenvolvimento. Todavia, desenvolver esta capacidade na qual se valorize a experimentação e o risco, como factores de aprendizagem decisivos, requer um clima de suporte e suficiente auto-estima.

Dos bloqueios acima referidos, a deficiente auto-estima é aquele que tem um efeito mais demolidor sobre a criatividade e que possui raízes mais profundas, porque remonta à nossa história cultural e à nossa infância. Neste caso, evidencia-se a desvalorização dos nossos pontos de vista, estratégias de auto-sabotagem, auto-desvalorização... antes que os outros nos questionem, atormentam-nos sentimentos de dúvida, temor, medo de desaprovação, do fracasso e do erro. Duvidamos da nossa capacidade e perdemos assim a oportunidade de crescer e de nos desenvolver.

Na sociedade actual normalmente todos estamos hiper-activos, com excesso de trabalho e o que é pior, com uma enorme ausência de espaços de sentido. Estamos empenhados numa louca correria contra o tempo, que nos impede de desfrutar a vida, de encontrarmos as nossas verdadeiras prioridades, de descobrirmos metas significativas, não nos concentramos plenamente no momento presente. Por isso urge encontrar espaços de sentido, para compartilhar visões, descobrir metas significativas, modelar utopias e “esperar que a realidade supere os nossos sonhos”.

Por outro lado, o modo como socialmente se impõem estilos e pautas de relação, vai empobrecendo, de maneira subtil mas certa, a nossa espontaneidade, a qual conduz ao estabelecimento de relações estereotipadas com os outros e connosco próprios. Desta forma, perdemos a capacidade de nos surpreendermos ante a riqueza imensa do ser humano.

Tendencialmente evitamos os desafios, valorizamos o “fácil” e a ausência de conflito como sinónimo de “felicidade”, isto leva a uma idealização de relações, a uma atitude negativa e paralisante ante os problemas e impede-nos de desenvolver adequados níveis de tolerância à frustração. Todavia, aprender a aceitar e valorizar o conflito como dinamizador das relações e das instituições não é tarefa fácil.

Estamos agarrados a imagens idealizadas da vida e das pessoas e quando se nos apresentam dificuldades e problemas, cremos que o mundo se vai desmoronar aos nossos pés.

Generalizamos de tal modo o medo à mudança, que nos refugiamos na comodidade e desenvolvemos toda a nossa capacidade de argumentação, por forma a encontrar razões para que as coisas não se alterem. Porém, só uma atitude de busca permanente, de crítica transformadora e de compromisso com o que à primeira vista parece impossível configura o tão *são* descontentamento

criativo, fundamental para nos atrevermos a romper esquemas e assumirmos a existência como um processo inspirado “no viver criativo”.

Sobrevalorizamos o técnico e o científico como fonte única de certeza e isso conduz ao despreço e desvalorização do intuitivo, do artístico e do imaginário, tendência que tem gerado a crença de que estamos destinados a ser consumidores de inventos desenhados por outros, sendo que, como afirma Perkins (1991), todos somos *desenhadores*, e podemos reinventar permanentemente o que nos rodeia, encontrando oportunidades de melhorar o existente. Se as instituições nomeadamente as educativas, forem entendidas com esse sentimento interno, visceral, acerca de qualquer situação, (o qual se alimenta da nossa mais profunda sabedoria e da nossa verdade pessoal), isso será um ponto de partida essencial para a criatividade.

Mas apesar da mudanças positivas que se têm dado nestes últimos anos em matéria de educação, esta continua a dar ênfase à uniformidade, ao apego de rotinas e de procedimentos distanciados dos centros de interesse dos educandos; com muito pouca valorização pela diversidade. Ora deveríamos entusiasmar-nos com a diversidade como única fonte de sinergia e de descoberta. Caso contrário, este excesso de normalização e homogeneização gera indivíduos submissos, ao invés de pessoas curiosas, confiantes nas suas próprias possibilidades, respeitosas e receptivas ante as ideias divergentes e entusiasmadas com a arte da descoberta.

Por isso, os professores devem estar “abertos” acerca das vastas diferenças entre os seus alunos. É aconselhável fazer uma aproximação eclética “puxando” todos na tentativa de desenvolver potenciais alunos criativos.